

Filosofia moral, instituições políticas e movimentos sociais

JANICE THEODORO DA SILVA¹

Considerações iniciais.

Ao analisar os movimentos sociais (revoltas e rebeliões de indígenas, mestiços e espanhóis) que ocorreram na América freqüentemente consideramos que elas são frutos de um longo processo de conscientização da população em relação ao significado da dominação colonial.

A partir desta premissa uma das revoltas citadas, com destaque, é a rebelião de Tupac-Amaru que teria o papel de explicitar, de maneira nítida, as insatisfações das populações indígenas com a ordem colonial. Neste sentido ela, entre outras que ocorreram quase concomitantemente, entre 1780 e 1782, poderia ser considerada como antecedente nas lutas pela independência.

A bibliografia que discute a rebelião de Tupac-Amaru é vasta e, embora não seja este o objetivo da minha análise, convém citar as hipóteses mais difundidas com relação à composição das forças durante o conflito:

1. Tupac-Amaru se apresentou como representante de Carlos III (com interesses estratégicos) para ganhar apoio de índios, *criolos* e religiosos na sua luta contra a coroa;
2. Tupac-Amaru seria, de fato, fiel ao rei, mas os índios pretendiam romper com as amarras da dominação colonial;
3. Tupac-Amaru e todos aqueles que atuaram com ele desejavam, igualmente, romper com as diversas formas de exploração sendo esta rebelião um antecedente das lutas de independência².

¹ Professora Titular de História da América da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP.

² Kátia Gerab e M. Angélica Resende escreveram um pequeno livro chamado *À rebelião Tupac Amaru*, (São Paulo, Brasiliense, 1987) que reúne de forma sucinta os principais acontecimentos ocorridos durante a rebelião bem como uma breve discussão historiográfica.

Alem destas hipóteses, que se referem ao movimento propriamente dito, existem outras que tratam da constituição do discurso historiográfico, voltado para a formação do Estado Nacional. Estes trabalhos analisam os movimentos que ocorreram principalmente entre os anos de 1780 a 1782, para compor uma argumentação que identifica as forças independentistas com o passado indígena. As reconstruções imaginárias das raízes indígenas e da miscigenação se apresentam como fundadoras de uma identidade nacional capaz de revolucionar os critérios que definiam a posse da terra criando as condições para uma maior igualdade social.

O grito “Viva o Tawantinsuyu”³, por exemplo, é uma metáfora que sugere uma organização inca perfeita que se apresenta como modelo para o retorno a um passado ideal.

As rebeliões

Algumas das rebeliões que eclodiram na América tiveram como motivo insatisfações geradas pelos excessos de trabalho que os indígenas eram forçados a realizar. Mas muitos outros temas levaram comunidades indígenas a rebeliões tais como antropofagia, poligamia, embriaguez, feitiços entre outros. Embora seja difícil listar todos os conflitos que ocorreram na América podemos afirmar que parte deles surgiram em razão de problemas pontuais.

Se tomarmos como exemplo as rebeliões como a dos tepehuares (1617) ou dos tarahumaras, aliados dos conchos e tobosos, observaremos que as motivações foram, em grande parte, o desrespeito dos espanhóis pelos ritos indígenas. O resultado destas rebeliões demonstrou a incapacidade destes grupos indígenas se contraporem às formas de organização política do agressor, que se desdobravam em eficientes e duradouras estratégias de combate aos indígenas e seus aliados. Para lembrar a dimensão destes movimentos citaremos a rebelião dos tepehuares, onde morreram por volta de 300 espanhóis e mais de 1000 indígenas, conforme afirma Susan M. Deeds⁴, ou a rebelião dos Yaquis cujos caciques Necareva e Lautariu reuniram 8 mil índios no século XVII.

³ Vayssière. *Les révolutions d’Amérique latine*. Paris, Éditions Du Seuil, 1991. P.324

⁴ Como nos demonstra Susan M. Deeds em seu estudo *Las rebeliones de los tepehuanes y tarahumaras durante El siglo XVII em La Nueva Vizcaia*. In CAMPBELL, Ysla (Org.). *El contacto entre los españoles e indígenas en el norte de Nueva España*. Ciudad Juarez, Universidad Autónoma de Ciudad Juarez, 1992.

Em suma, apesar da determinação de alguns grupos indígenas a unidade política dos espanhóis acabou por impor a sua presença na região.

Quanto à forma de conceber e fazer política.

1. A fragmentação indígena

Se observarmos os resultados dos conflitos encontraremos o lugar do desequilíbrio das forças (indígenas x espanhóis): **a forma de conceber e fazer política.**

Os grupos indígenas estavam **entregues às suas rivalidades**, enquanto os espanhóis eram hábeis em tecer **negociações estratégicas**, com base nos seus objetivos de logo prazo. De maneira geral estes conflitos, ocorridos desde a conquista, caracterizaram-se pela fragmentação, descontinuidade, e tiveram como resultado o enfraquecimento dos líderes indígenas e chamãs que, evidentemente, expressavam o seu total desinteresse em relação à filosofia moral.

Com o passar dos anos as táticas e estratégias utilizadas pelos espanhóis no combate à rebeldia indígena se aprimoraram, especialmente graças a uma política de alianças com um grupo indígena em detrimento de outro.

Os mecanismos políticos utilizados estavam absolutamente afinados com a arte de governar típica do pensamento político moderno.

2. A unidade do corpo social.

Convém lembrar que este modelo político da monarquia católica considerava essencial a incorporação do indígena no seu corpo social o que gerava uma série de desacertos e conflitos em razão das diferenças culturais. Mas, ao mesmo tempo, assistíamos a uma conformação e inclusão de todos os homens na condição de súditos da coroa tendo em vista a composição de um único corpo social.

Do ponto de vista jurídico isto significava a implantação na América de uma *“justiça distributiva que propunha uma rígida hierarquização social*. Portanto, existia uma incorporação da população em situação desigual. A desigualdade entre tlaxcaltecas e yaquis, por exemplo, gerava relações de solidariedade entre determinados grupos sociais que serão um componente importante na estruturação do poder. Utilizando as

palavras de Levi poderíamos dizer que ‘*a justiça na desigualdade será o marco em que se inserem formas específicas de reciprocidade*’⁵.

Como criar a unidade de um corpo social?

Dentre os desafios enfrentados pelos conquistadores e colonizadores creio que este foi o maior. Os religiosos e conquistadores, por meio de aldeamentos, missões, colégios, repartimientos e criação de todo um aparato institucional, difundiram princípios morais entre a população para que pudessem viver em polis.

Estes princípios frequentemente ganhavam expressão no cotidiano por meio de uma tipologia de vícios e virtudes⁶. Tratava-se de constituir o campo do bem e do mal, de certo e do errado, segundo as tradições cristãs, para que fosse viável a vida em comunidade.

O esforço realizado para constituir *o grande edifício do mundo*, como fala Acosta, foi marcado por inúmeras contradições.

A maior delas referia-se ao fato de que parte dos espanhóis eram incapazes de respeitar os princípios que defendiam e, ao mesmo tempo, exigiam dos indígenas a obediência estrita às normas por eles estabelecidas. Não foram poucos os espanhóis que cometiam adultérios se embriagavam se aproveitavam das índias cometendo uma série de abusos e, ao mesmo tempo, exigiam dos indígenas um comportamento virtuoso.

Este desequilíbrio encontra expressão ainda mais grave nos mecanismos institucionais utilizados pelos espanhóis para aplicar a justiça, especialmente porque muitos delitos eram praticados por aqueles que geriam as instituições. Se esta autonomia por um lado poderia ser útil para um juiz ou corregedor atenuar as penas em razão dos usos e costumes da população nativa, por outro criava as condições para todos os tipos de abusos. Retomando as palavras de Levi diria que estávamos diante de uma

⁵ Levi, Giovanni. Reciprocidad mediterránea. www.tiemposmodernos.org/include/getdoc.php%3Fid%3D146article%3D26mode%3Dpdf+giovanni+levi+reciprocida. 17/03/2011

⁶ Vale à pena lembrar que as virtudes teológicas são: fé, esperança e caridade. As cardeais ou morais são: prudência, fortaleza e temperança. As sete virtudes são: castidade, generosidade, temperança, diligência, paciência, caridade, humildade e, os sete pecados, luxúria, avareza, gula, preguiça, ira, inveja e, soberba.

circunstância que favorecia a indeterminação dos limites da lei e fortalecia o papel do juiz em relação à lei, na medida em que a ele era dado o direito de interpretá-la de acordo com a sua consciência.

O resultado desta equação foi os desmando dos corregedores e de outras autoridades administrativas que só pioraram com o passar dos anos.

A relação entre filosofia moral e rebelião

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelos espanhóis para ordenar, ao seu modo, os diversos vice-reinos a difusão de uma tipologia que organizava e as ações humanas em torno vícios e virtudes se alastrou. É com base nelas que se podia protestar.

Com o passar dos anos as populações americanas compreenderam o que era considerado, naquele corpo social como bom ou mal certo ou errado, e a partir destes pressupostos pode organizar um violento protesto social de importantes conseqüências políticas.

Definidos alguns padrões de conduta tornou-se possível constituir um discurso político contra todos os tipos de abuso, ou seja, a consciência individual transformou-se em prática revolucionária. Cada ator da cena política, presente em sua comunidade, diante do corregedor, ou de outro funcionário administrativo, de posse do seu livre-arbítrio, tinha base jurídica para expressar o interesse da maioria. Cito aqui apenas para lembrar que Francisco Vitória considerava “o governo um *officium*, ou seja, um serviço ou ministério em favor do bem comum de todo o povo”⁷. Portanto as críticas produzidas pelos rebeldes em diferentes regiões, baseadas nos mesmos motivos poderiam encontrar justificativas até mesmo para matar os tiranos, representados por um funcionário da administração colonial ou pelo rei.

As populações indígenas e mestiças vão, com base no aprendizado dos princípios morais difundidos pelos espanhóis, definir suas estratégias de combate. E é esta herança cultural que dará aos insurgentes a possibilidade de construir um discurso crítico, coerente, com objetivos claros, fruto da mesma razão política que qualificava o

⁷ Ruiz, Rafael. Francisco Vitória e os direitos dos índios americanos. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002. P.182-188.

seu opositor. Este é o lugar da força destes movimentos – a injustiça – capaz de nos comover até hoje quando lemos a cena da execução de Tupac-Amaru.

A hipótese.

De acordo com a minha hipótese considero que:

1. os movimentos de rebeldia, ocorridos na América espanhola, tiveram inúmeras motivações que não resultaram em um processo de amadurecimento da consciência política, com vistas à ruptura da ordem colonial.
2. algumas rebeliões indígenas justificaram suas críticas as violências e as injustiças praticadas pelos espanhóis utilizando-se de argumentos que tinham como fundamento princípios morais que os espanhóis obrigavam os índios a respeitar, mas que eles não eram capazes de colocar em ação para realizar um “bom governo”.
3. a unidade de objetivos foi criada à medida que se implantou na América formas de organização políticas marcadas por uma justiça distributiva (a cada um segundo seu status social). Este modelo de origem teológica delegava ao juiz uma margem muito grande de interpretação, o que permitiu os abusos no sistema administrativo, ao mesmo tempo em que gerou fortes relações de solidariedade e equidade entre grupos que ocupavam o mesmo espaço social e político⁸.

Em suma, a insatisfação que antecedeu as lutas de independência teve unidade de objetivos e se constituiu em um discurso político capaz de organizar as populações igualmente insatisfeitas em razão dos preceitos morais em vigor na sociedade. Ou seja, a fragmentação, típicas das sociedades indígenas, deu lugar à unidade política, regida por um sistema ético, com base em uma percepção da equidade. Esta equidade, na qual

⁸ LEVI, Giovanni. Reciprocidad mediterránea. www.tiemposmodernos.org/include/getdoc.php%3Fid%3D146article%3D26mode%3Dpdf+giovanni+levi+reciprocida. 17/03/2011

se assentava o modelo político implantado na América, era desrespeitada especialmente pelos representantes da monarquia que, teoricamente, a defendiam.

Os documentos

Se observarmos o texto do franciscano Frei Bernardino de Sahagún (1499-1590), no livro *Historia General de las Cosas de Nueva España*, veremos o seu cuidado em descrever os deuses que os naturais adoravam para demonstrar que o “*abominável culto dos índios, é causa, e o princípio e fim de todo o mal*” (Sahagún,1985:55)

Frei Diego de Durán (1537-1588), padre dominicano, em seus escritos *História de las Índias de Nueva España e islas de la tierra firme*, (Duran, 1984:31) ao tratar do modo que os indígenas sacrificavam os homens em suas solenidades refere-se à forma como os seis ministros indígenas sacrificavam a vítima e tiravam seu coração para entregar ao demônio.

Frei Toribio de Motolinía (1482-1568) um dos 12 primeiros clérigos a chegar na Nova Espanha em 1524, (Motolinia, 1989: 246-247) refere-se à grande dificuldade para que os índios deixassem as muitas mulheres que possuíam por obra do demônio.

Poderíamos citar infindáveis exemplos, presente nas crônicas, produzidas ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, para demonstrar que toda a estrutura mental da época estava marcada por uma filosofia moral e que, portanto, era inevitáveis que os contatos com os indígenas se fizessem a partir de um julgamento positivo ou negativo, com vistas a uma futura unidade de conduta entre os espanhóis e os indígenas.

Talvez o texto que deixe transparecer de maneira mais clara as implicações políticas das prescrições da teologia e da moral cristã seja a carta que Guamán Poma de Ayala escreveu, em 1615, para a “Sacra Católica Real Majestade, Filipe III (1598-1621), manuscrito de 1.200 páginas compostas por 398 páginas de desenho e 782 páginas de texto especialmente em relação às imagens que não deixam dúvidas quanto à hipótese levantada.

Guamán Poma de Ayala constrói a relação entre os vícios e virtudes⁹, linguagem de protesto social típica da Idade Média, nomeando os personagens da vida cotidiana (corregedores, religiosos, mestiços, criolos) para comprovar a prática do mau governo e não o “bom governo”.

Reúno a seguir algumas imagens que são bastante esclarecedoras da proposição defendidas acima.



Crítica do autor ao fato de um corregedor e um religioso olharem a vergonha das mulheres analisa detalhadamente



Aqui vemos a **diligencia** de uma índia em seu trabalho sob o olhar de um religioso.

⁹ Mercedes López-Baralt em seu livro *Icono y conquista: Guamán Poma de Ayala*, analisa detalhadamente a iconografia de vícios e virtudes, como topi de protesto social. LÓPEZ-BARALT, Mercedes. *Icono e Conquista: Guamán Poma de Ayala*. Madrid, Ediciones Hiperión, 1988.



A imagem trata da **soberba** de um crioulo, mestiço ou mulato.

Portanto, linguagem moral está presente em todas as crônicas, desde o século XVI até XVIII, deixando claro que se constituía num instrumento importante para a definição de condutas que iriam favorecer o funcionamento de um determinado corpo social.

Apresentados os documentos que justificam a hipótese podemos passar a algumas considerações sobre a *Relación Histórica* atribuída a José Gabriel Tupac-Amaru, Inca (1742-1781). Nela o autor justifica a causa de tanta e lamentáveis desditas referindo-se a corrupção dos costumes que vigorava na América. Tupac-Amaru se refere aos vícios e desordens demonstrando no seu texto que o bem público era sacrificado em nome dos interesses de particulares, que a virtude e o respeito às leis, eram nomes ditos em vão, que a opressão e a inumanidade não inspiravam horror entre os homens que já estavam acostumados a ver triunfar os delitos. Para ele “*os ódios, as perfídias, a usura e a incontinência representavam em seus correspondentes teatros a mais trágica cena, e perdido o pudor se transgrediam as leis sagradas e civis com um escândalo repreensível*”¹⁰

Como podemos ver o protesto de Tupac-Amaru se justificava em razão dos vícios, palavra por ele utilizada, que prejudicava o bem público. Portanto eram claras as implicações políticas geradas pelo desrespeito às leis morais. Se formos acompanhar a história do movimento veremos que não apenas ele, mas também Ventura de Santelices,

¹⁰ <http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/relacion-historica-de-los-sucesos-de-la-rebelion-de-jose-gabriel-tupacamaru-en-las-provincias-del-peru-el-ano-de-1780--0/html/> (19-03-2011)

Ministro togado do Conselho Superior de Índias, ex-governador de Potosi em 1751, estava insatisfeito com o exercício do poder na América.

O que isto quer dizer?

Confirmando a minha hipótese o problema não era apenas a dominação “colonial” sentida por meio da cobrança de impostos, mas as injustiças, de toda a ordem, praticadas por parte dos funcionários administrativos e seus apaniguados.

Outra questão que merece ser considerada é a mobilidade social criada pelo sistema jurídico que prescreve como obrigação do juiz a aplicação da lei. Sendo ele que interpreta a lei, a elasticidade é possível para o bem ou para o mal. O fundamento para esta fluidez é atribuído na época aos limites da racionalidade humana. Esta maleabilidade da lei acentua a contradição entre uma suposta unidade de sujeitos e o sujeito que pode ou não usufruir de determinados direitos, de acordo com a decisão de um juiz ou do Conselho da Índias, por exemplo.

Um exemplo de um conflito gerado pela fluidez do sistema normativo é a viagem de Blas Tupac-Amaru (parente de Tupac-Amaru) para Madri para obter o reconhecimento de que fazia parte da nobreza inca e que, portanto, poderia exercer o cargo de Capitão Maior da mita de Potosi. Embora ele contasse com o apoio do ex-governador de Potosi, Ventura Santalices, membro do Conselho de Índias seu pedido não foi atendido. Sua morte no retorno da viagem acentuou as contradições existentes (entre índios e índios, índios e espanhóis, índios e mestiços). A equidade no interior de cada grupo será responsável, por um lado, pela solidariedade entre mais iguais, e por outro pelo conflito entre os iguais diferenciados hierarquicamente. Uma complexa composição de forças políticas justificara o fato de Tupac-Amaru ser vencido não só por espanhóis como também por índios e de contar em suas fileiras de rebeldes com a presença de espanhóis.

Conclusão

Em suma, ao analisar diversos movimentos ocorridos na América observamos que não se trata de uma consciência política da dominação, sustentada em tradições ancestrais indígenas, que avança, progride e rompe com a dominação. Trata-se de

movimentos, com base em uma ética política construída a partir da conquista, que questiona às formas injustas, portanto não equitativas, do exercício do poder.

Em suma, a partir de um mesmo modelo político os súditos insatisfeitos – fossem eles indígenas, mestiços ou criolos – encontraram as justificações acertadas para cobrarem de maneira violenta, até mesmo com a morte de seus opositores, o *"bom governo"* e a defesa do *"bem comum"*.